

Bárbara Filomena Teixeira Chaves Ferreira

RESILIÊNCIA DOS OPERADORES PRISIONAIS E A SUA RELAÇÃO COM A PERSONALIDADE:

Estudo comparativo



ESCOLA SUPERIOR DE ALTOS ESTUDOS

Dissertação de Mestrado em Psicologia Clínica

Ramo de Especialização em Terapias Cognitivo-Comportamentais

COIMBRA, 2019

Resiliência dos operadores prisionais e sua relação com a personalidade: Estudo comparativo

BÁRBARA FILOMENA TEIXEIRA CHAVES FERREIRA

Dissertação apresentada ao ISMT para obtenção do grau de Mestre
em Psicologia Clínica,
Ramo de Terapias Cognitivo-Comportamentais

Orientadora: Professora Doutora Margarida Pocinho

Membros do júri

Presidente: Professora Doutora Fátima Ney Matos

Arguente: Professor Doutor Alípio Veiga

Coimbra, Novembro de 2019

Agradecimentos

Esta dissertação é o realizar de um objetivo há muito ansiado. Conseguir concluir o Mestrado é o finalizar de uma etapa e uma meta alcançada. Obviamente que não conseguiria percorrer este caminho e ultrapassar o desafio sem o apoio dos que estão à minha volta.

Agradeço à Professora Doutora Margarida Pocinho por todo o ensinamento, acompanhamento, apoio, por ter sido incansável desde o primeiro dia e incentivar-me sempre a não desistir. Obrigada por me fazer acreditar!

Agradeço a toda a minha família e amigos pelas palavras de encorajamento e por todo o carinho e paciência!

Agradeço também ao projeto FAIR e aos seus membros permitirem e facultarem os dados para realizar este estudo.

A ti um obrigado especial!

Um agradecimento e uma dedicatória especial ao meu “velho”, onde quer que estejas espero que estejas orgulhoso da tua sempre “menina”. Tal como um sonho para mim sei que o era para ti também. Obrigada por tudo!

Um dia, quando olhares para trás
verás que os dias mais belos
foram aqueles em que lutaste.

Sigmund Freud

Resumo

Contexto: Este trabalho tem como base o Fighting Against Inmate Radicalization (763538-FAIR-JUST-AG-2016-03) cujo acrónimo é FAIR, que aborda a radicalização extrema com especial enfoque no sistema prisional procurando criar um sistema interno de alerta a ser posto em prática pelos operadores prisionais e a elaborar um programas de desradicalização e reabilitação. Este projeto assenta em três princípios: prevenir a radicalização violenta de reclusos; promover a desradicalização e facilitar a reintegração na sociedade.

Objetivo: O objetivo deste estudo é saber se existem diferenças de resiliência entre os operadores prisionais (OP) e a população que embora não trabalhe no sistema prisional já contactou com indivíduos radicalizados (PFSP). Foi colocada a hipótese de os operadores prisionais serem mais resilientes que a população fora do sistema prisional tendo em conta os tipos de personalidade. Foi também considerada a resiliência como sendo superior nos operadores prisionais com funções policiais comparativamente com os operadores prisionais sem funções policiais.

Metodologia: Contribuíram para este estudo 251 inquiridos dos quais resultou uma amostra de 225 indivíduos a quem, em conjunto com questões socioprofissionais, foram administrados o RMH₂₂ para avaliar a resiliência e o TIPI para avaliar a personalidade.

Resultados: Existe correlação estatisticamente significativa ($p < 0,05$) entre a resiliência dos operadores prisionais e o tipo de personalidade em termos de: extroversão, amabilidade, conscienciosidade, estabilidade emocional e abertura. No caso da PFSP não existe correlação estatisticamente significativa entre resiliência e amabilidade nem com a abertura. Em termos mais específicos, nos operadores prisionais a correlação entre a resiliência e a extroversão é muito fraca, com a amabilidade é fraca, com a conscienciosidade é moderada, com a estabilidade emocional é fraca e com a abertura é moderada. Relativamente aos aspetos que tanto os operadores prisionais quanto a População Fora do Sistema Prisional consideraram chave em programas de formação quer para profissionais quer para reclusos destacam-se a formação, independentemente da sua tipologia e no caso específico dos programas para profissionais que lidam com a radicalização violenta são os programas de acompanhamento psicológico, as formações com psicólogos, as formações sobre aspetos legais, educativas, de sensibilização e prevenção da radicalização. Quanto aos programas de formação para reclusos, consideraram maioritariamente que os programas para esta população deveriam conter aspetos de reintegração social, de apoio familiar e terapia

Palavras-Chave: Resiliência, radicalização, desradicalização, operadores prisionais, PFSP

Abstract

Context: This work is based on the Fighting Against Inmate Radicalization (763538-FAIR-JUST-AG-2016-03) FAIR addresses the problem of violent radicalization with a special focus on the prison system. It attempts to elaborate an alternative model to traditional detention, one that includes disengagement and rehabilitation programs for extremist detainees.

Objective: The objective of this study is to know if there are differences in resilience between prison operators (OP) and the population that although not working in the prison system has already contacted radicalized individuals (PFSP). It has been hypothesized that prison operators are more resilient than the population outside the prison system taking account personality types. Resilience was also considered to be superior in prison operators with police functions compared to prison operators compared without police functions.

Methodology: 251 respondents contributed to this study, resulting in a sample of 225 individuals who, together with socio-professional questions, were administered RMH22 to assess resilience and TIPI to assess personality.

Results: There are a correlation ($p < 0.05$) between prison operators' resilience and personality type in terms of: extroversion, agreeableness, conscientiousness, emotional stability and openness. In the case of PFSP there is no correlation between resilience and kindness, nor with openness. More specifically, in prison operators the correlation between resilience and extroversion is very weak, with kindness is weak, with conscientiousness is moderate, emotional stability is weak and openness is moderate. Regarding the aspects that both prison operators and the non-prison population considered key in training programs for both professionals and prisoners, training stands out, regardless of its typology and in the specific case of programs for professionals dealing with radicalization. Violent are psychological support programs, training with psychologists, and training on legal issues, educational, awareness and prevention of radicalization. As for inmate training programs, they considered that programs for this population should contain aspects of social reintegration, family support and therapy.

Keywords: resilience, radicalization, deradicalization, prison workers, PFSP

Introdução

Radicalização

Alvo de crescente atenção, com particular expressão no decurso das últimas décadas, a radicalização violenta é hoje uma das preocupações internacionais (Ferreira & Machado, 2018).

Al-Lami (2009), numa revisão sistemática acerca dos estudos sobre radicalização identifica os discursos acerca do termo como sendo um processo onde os indivíduos adotam cada vez mais comportamentos extremistas, seja de ordem política, religiosa, moral, de auto-identificação, discriminatória ou racista, fundamentalista, conservadora entre outras mas em que todas justificam métodos extremos de atuação. No seu relatório é também evidente que este processo de transformação não é repentino. Contudo, esta transformação pode ser mais ou menos acelerada em função da circunstância que iniciou este processo que começa por uma pré-radicalização, seguida de uma auto-identificação. Após estes dois primeiros estágios passa por uma doutrinação e por fim a verdadeira radicalização. A autora refere que:

Apesar da identificação diferente das etapas, todos os estudos concordam que há é um estágio de mudança individual (por exemplo, aumento da religiosidade, busca de identidade), aprimorado através de aspetos externos (por exemplo, discriminação ou racismo experimentados, ataques contra muçulmanos como as guerras na Bósnia e no Iraque) e a radicalização finalmente violenta geralmente tem lugar quando o indivíduo socializa com pessoas afins. No entanto, essas etapas não são claras e podem se sobrepor. Além disso, eles não são necessariamente sequenciais. Um indivíduo pode avançar rapidamente os estágios que atingem a ação militante ou ficar desiludido a qualquer momento e optar por abandonar completamente o processo (Al-Lami, 2009, p. 2).

Mas se é importante definir o conceito de radicalização como processo, não se pode ignorar que este entronca num conjunto de dificuldades metodológicas de conceptualização. Com efeito Ranstorp (2010) a propósito deste processo relativo a certos grupos da sociedade da EU refere que um processo de radicalização pode não implicar atos terroristas contudo estes incluem radicalização.

Este facto é reforçado por Gonçalves (2014) quando define a radicalização, como um processo inespecífico e sem exclusividade, isto é, não pertence a ninguém em particular, seja pessoa ou grupo, mas todos adotam um sistema de valores extremistas, não normativas e com grande probabilidade de usar, apoiar ou facilitar o recurso à violência.

Neumann (2013), refere a ambiguidade do significado de radicalização referindo como lacuna as noções que enfatizam as crenças extremistas (radicalização cognitiva) e os conceitos que se focam no comportamento extremista (radicalização comportamental).

Said (2015), define radicalização como um processo onde indivíduos ou grupos sofrem uma transformação psicológica que os leva a seguir ideais sociais, políticos e religiosos extremos. Ressalva, no entanto, que a radicalização só deve ser tratada como um ato ilícito ou ilegal se torna violenta.

Kruglanski & Gunaratna (2019), referem que a onda de extremismos violentos que tem assolado o mundo representa um claro e atual perigo para as comunidades e nações o que coloca alterações significativas nas sociedades em geral, no *World Wide Web* e concomitantemente nas redes sociais. A psicologia tem aqui um perfil a desempenhar já que a radicalização acontece quando os indivíduos decidem juntar-se a organizações que disseminam o terror ou que matam indiscriminadamente. Saber que fatores é que levam a que estas pessoas cometam tais atos e crueldades contra outros seres humanos implica uma análise psicológica profunda, seja ela de origem ecológica, comunitária ou individual. Não é nenhum tipo de exagero definir as duas primeiras décadas do século XXI como as do espectro do terrorismo. Disso são testemunhos os ataques ao *World Trade Center* em 2001, ao pentágono ainda no mesmo ano, Madrid em 2004, Londres em 2005 e 2007, e neste mesmo ano no Iraque, em 2010 em Estocolmo e Moscovo, na Maratona de Boston em 2013, em Paris, Copenhaga e Beirute em 2015, no mesmo ano o Massacre do *Charlie Hebdo*, em 2016 o Massacre de Orlando, em 2017 em Manchester, Estocolmo, Nova York, Londres, Catalunha, São Petersburgo e Westminster, em 2018 em Estrasburgo e 2019 nos Países Baixos, Nova Zelândia, Sri Lanka e Mali.

Desradicalização

Por oposição à radicalização existe a desradicalização que funciona como processo teoricamente inverso, contudo com particularidades que a distinguem em termos de processo, pois desradicalização não é desprogramação. A desprogramação não é voluntária e baseia-se na crença de o comportamento dos seus elementos, se radicalizaram ou desradicalizaram, devido às técnicas de controlo dos pensamentos empregadas pelo líder, na noção de que os seus membros são bons crentes e não têm livre-arbítrio. Já na desradicalização o diálogo é voluntário (Rabasa, Pettyjohn, Ghez, & Boucek, 2010). Com efeito, a desradicalização é o processo pelo qual um indivíduo abandona o seu envolvimento em qualquer forma de radicalização e descredita de um sistema de crenças extremistas (Gonçalves, 2014).

Esta definição, apesar de simplista passou por diversas etapas e discussões. Rabasa et al (2010), indicam a existência de quatro fases progressivas no processo de desradicalização, sendo elas a 1) abertura cognitiva, 2) o custo benefício na manutenção ou na saída do grupo, 3) a decisão de saída e 4) a criação de uma nova identidade e a reintegração na sociedade.

1) abertura cognitiva

Esta etapa começa com um evento ou uma série de eventos que questiona o indivíduo quanto ao seu comprometimento com a causa ou organização. Neste momento verifica-se uma abertura cognitiva, significando que o indivíduo está receptivo a ideias diferentes.

2) o custo benefício na manutenção ou na saída do grupo

Após ter colocado em causa o seu comprometimento e a sua lealdade com o grupo, começando a quebrar os laços emotivos, pragmáticos e ideológicos, o indivíduo começa a considerar as vantagens (de dar corpo à sua identidade e vontade) e desvantagens (custos expeáveis resultantes da decisão de abandonar a organização), nomeadamente os denominados “obstáculos de saída”.

3) a decisão de saída

Analisados os prós e os contras, que funcionam como um ponto de viragem, surge a decisão de saída da organização, podendo esta (para evitar o confronto) ser uma resolução mantida em segredo.

4) a criação de uma nova identidade e a reintegração na sociedade

Após a saída do grupo extremista é necessário o indivíduo criar uma nova identidade e reintegrar-se na sociedade. Se o ex-militante for capaz de criar novas redes sociais sem comportamentos extremistas, encontrar emprego estável e ser aceite na comunidade o risco de reincidência é baixo. Apesar da importância dos laços afetivos e familiares, uma rede de apoio social desempenha um papel tão ou mais importante na influência dos seus comportamentos subsequentes.

Programas de desradicalização

Os programas de desradicalização e contra-radicalização ganham cada vez mais força.

O programa desenvolvido pelo Major General Douglas Stone em 2007, teve como premissa identificar os insurgentes do núcleo duro - os irreconciliáveis - e separá-los do resto dos prisioneiros que poderiam ser reabilitados, pois uma vez isolados os militantes do núcleo duro, o comportamento dos demais detidos melhoraria (Rabasa et al., 2010).

Psicólogos, professores e imãs executariam o processo de classificação e identificação dos irreconciliáveis. Embora Stone tenha assumido inicialmente que a maioria dos insurgentes detidos eram motivados por aspetos religiosos ou privação económica, mais tarde foi determinado que a grande maioria dos prisioneiros se envolvia em violência por motivos locais ou pessoais, nacionalismo, oportunidade de lucro ou uma combinação de todos esses fatores.

O conselho europeu, de forma a criar uma europa mais segura e um espaço de justiça, liberdade e segurança, criou uma estratégia de resposta à ameaça terrorista: Os Quatro Pilares da Estratégia Antiterrorista da União Europeia (UE): 1) Prevenir, 2) Proteger, 3) Perseguir e 4) Responder (Baxter, Hastings, Law, & Glass, 2008).

A Estratégia tem como objetivo prevenir futuros recrutamentos, proteger os potenciais alvos, investigar as redes e os seus membros, melhorar a capacidade de resposta a atentados terroristas e consequentemente gerir as consequências que possam advir futuramente. Este trabalho é necessário a nível nacional, europeu e internacional (Baxter et al., 2008):

1) Prevenir

O objetivo é, além de evitar que mais indivíduos sejam recrutados, impedir também que surjam novas gerações terroristas. A Estratégia centra-se no combate ao recrutamento e à radicalização para grupos como a Al-Qaeda e outros semelhantes ou com os mesmos ideais pois são estes que apresentam a principal ameaça para a UE

2) Proteger

A proteção permite reforçar a defesa dos alvos de forma a que se tornem menos vulneráveis a ataques terroristas.

3) Perseguir

O principal objetivo é impedir os planos dos grupos extremistas, desmembrar as suas redes de forma a perseguir os terroristas e poder entrega-los à justiça. Esta perseguição é feita sem nunca colocar em causa o respeito pelos direitos humanos e internacionais.

4) Responder

A resposta existe pois, não é possível evitar totalmente os atentados. Desta forma esta resposta serve para gerir a capacidade de agir quando os atentados ocorrem atentando em todas as consequências que podem advir nos vários países. Este sistema de respostas será aplicado consoante o tipo de ataque terrorista, sendo que mesmo incidentes naturais ou tecnológicos podem também beneficiar destas mesmas soluções.

Segundo Rabasa, Pettyjohn, Ghez e Boucek (2010) esta força deve-se, muito provavelmente, à crescente ideiação de que a segurança e reclusão por si só não é suficiente.

Por conseguinte, muitos estados determinaram que, para eliminar as organizações extremistas é necessário prevenir a radicalização dos jovens e reabilitar os que não são irreconciliáveis

Também os programas de desradicalização dos países do Médio Oriente e da Ásia sustentam que a religião é o principal (mas não o único) fator no processo de radicalização. Consideram, fundamentalmente, os extremistas como tendo absorvido uma interpretação distorcida do Islão e consideram a sua interpretação como o antídoto.

Os programas criados por alguns países europeus querem combater todas as formas de extremismo, não levando em linha de conta a especificidade. O Reino Unido, a Holanda e a Dinamarca, desenvolveram diversas iniciativas comuns apesar de terem adotado diferentes prioridades. Enquanto que o governo dinamarquês dá prioridade ao emprego para a reintegração (particularmente para mulheres e jovens), as agências holandesas dão mais relevo à ameaça social a longo prazo dos grupos marginais. No Reino Unido, o objetivo é prevenir o extremismo violento dando ênfase ao fortalecimento da resiliência da comunidade e no combate à Al-Qaeda (Bartlett, Birdwell, & King, 2010).

Deste modo, Gonçalves (2014), conclui que não basta somente uma mudança de comportamento do indivíduo através do afastamento, torna-se necessário um programa de desradicalização que permita uma mudança de princípios.

Resiliência

A resiliência está interligada com diversos parâmetros que convergem num conjunto de variáveis sendo por isso um processo complexo. Através da interação com o meio psicoafectivo é criado através de um trabalho mental um método de adaptação às várias situações adversas (Costa, 2007).

A palavra resiliência, segundo Oliveira, Reis, Zanelato, & Neme (2008) tem a sua origem no latim *resilo* cujo significado é regressar a um estado anterior. Inicialmente aplicado às ciências exatas como forma de descrever a capacidade elástica de um material retornar ao seu estado inicial após submissão a alguma forma de pressão.

Segundo Vaz e Pocinho (2016), o termo Resiliência Psicológica refere-se à capacidade de resposta e recuperação emocional às diversas adversidades, mantendo um normal funcionamento no desenvolvimento ao longo do tempo

Ribeiro, Mattos, Antonelli, Canêo, e Júnior (2011) referem que os trabalhos e as organizações atuais exigem flexibilidade e capacidade de adaptação constante por parte dos trabalhadores. Tais considerações revelam a importância destes indivíduos terem mecanismos

de defesa e proteção contra situações adversas no contexto laboral. Segundo os mesmos autores, ao psicólogo cabe compreender que a resiliência deve ser vista não somente como um conjunto de características pessoais e imutáveis, mas também de acordo com a interação dos trabalhadores com o contexto organizacional. O psicólogo deve ter como função principal promover a reflexão crítica a todos os colaboradores considerando os fatores de risco e de proteção para a saúde dos profissionais.

Personalidade

A personalidade pode ser entendida como um conjunto de características relativamente estáveis de cada indivíduo que adapta a resposta consoante a situação com a qual se depara (Schultz & Schultz, 2015). Segundo os mesmos autores, estas características externas e visíveis não são somente aquilo que é transmitido aos outros, mas também inclui qualidades sociais e emocionais internas.

McCrae e Costa (1987), para a representação do universo dos traços de personalidade definem o Modelo Big Five divididos em cinco dimensões: Abertura para a Experiência, Consciência, Extroversão, Amabilidade e Neuroticismo (Instabilidade Emocional)

O Modelo *Big Five* funciona como uma estrutura subjacente que serve de base para o desenvolvimento de instrumentos de avaliação e investigação da personalidade. Através do Modelo os traços de personalidade podem ser descritos constituindo uma organização de conceitos básicos capazes de concorrer com outros modelos (Raad & Perugini, 2002)

A Abertura para a Experiência segundo McCrae e Costa (1997), apesar de não ser um comportamento social deve ser vista em termos motivacionais e estruturais. É percebida na recorrente necessidade de analisar e aumentar a experiência tendo em conta a amplitude e permeabilidade da consciência.

McCrae e Sutin (2009), reforçam que a mente tem características que intensificam o comportamento social afetando as percepções sociais e a formação de atitudes tais como a escolha de pares, a atividade cultural e política, a disponibilidade para vivenciar novos ambientes, aceder a ideias inovadoras e ter acesso a novos conhecimentos. Os indivíduos com maior abertura para a experiência tendem a ser mais imaginativos, intelectuais e liberais.

A Conscienciosidade, segundo Nunes, Hutz e Nunes, M.(2015) define os indivíduos que tendem a ser ambiciosos, dedicados à atividade profissional, revelando uma capacidade de organização e planeamento em função de uma meta. A conscienciosidade envolve traços de

personalidade interligados com a motivação para o sucesso procurando alcançar todos os seus objetivos mesmo que isso envolva riscos e sacrifício.

A Amabilidade, de acordo com Nunes et al (2015) é a qualidade apresentada pelo indivíduo que tem capacidade de construir relações harmoniosas e agradáveis demonstrando qualidade nas relações interpessoais

A Extroversão é vista por Wilt e Revelle (2009), como estando associada a uma motivação elevada e com afetos positivos. O indivíduo extrovertido tende a demonstrar uma facilidade de interação com os outros e a expor as suas ideias. É o fator que apresenta os coeficientes com maior validade nos estudos convergentes dos cinco fatores.

Por fim, o Neuroticismo é definido por Widiger (2009) como sendo um traço de personalidade presente em pessoas que são mais suscetíveis de expor sentimentos como depressão, irritabilidade e ansiedade respondendo de forma mais passiva a acontecimentos stressantes e experienciando, de forma negativa, os estados emocionais. Entre todos os domínios que constituem os cinco fatores da personalidade, o Neuroticismo é o que apresenta uma maior validade nas mais diversas culturas sendo o mais apresentado na literatura

Método

Esta dissertação foi desenvolvida no âmbito do projeto europeu Fighting Against Inmate Radicalization (763538-FAIR-JUST-AG-2016-03) cujo acrónimo é FAIR. Este projeto aborda a radicalização extrema com especial enfoque no sistema prisional procurando criar um sistema interno de alerta a ser posto em prática pelos operadores prisionais e a elaborar um programas de desradicalização e reabilitação. Os três princípios em que assenta são: prevenir a radicalização violenta de reclusos; promover a desradicalização e facilitar a reintegração na sociedade.

O objetivo deste estudo é compreender se existem diferenças na resiliência comparativamente nos operadores prisionais que trabalham com reclusos radicalizados e na População Fora do Sistema Prisional (PFSP), mas que teve contactos com extremistas. Pretende-se também conhecer quais os aspetos que tanto os operadores prisionais quanto a População Fora do Sistema Prisional consideram importantes em programas de formação quer para profissionais quer para reclusos.

Hipótese 1: Os operadores prisionais são mais resilientes que a população fora do sistema prisional tendo em conta os tipos de personalidade.

Hipótese 2: Os operadores prisionais com funções policiais têm maior resiliência comparativamente com os operadores prisionais sem funções policiais

O estudo é do tipo quali-quantitativo e fez recurso para a análise de dados descritiva do software IBM-SPSS versão 23 através da correlação de Pearson. A análise qualitativa resultou da observação das opiniões dos inquiridos através da composição de uma nuvem de palavras efetuada no software Iramuteq.

A recolha da amostra decorreu entre 2017 e 2019 num universo de 251 indivíduos com idades entre os 20 e os 68 anos.

Amostra

A população alvo ficou constituída por 251 indivíduos para a qual houve uma contribuição de 10 entrevistas. Desta foram eliminados 26 sujeitos que responderam “não sei” e/ou não responderam à questão 8 “Trabalha ou trabalhou com condenados/as por crimes relacionados com radicalização violenta?” violando, desta forma, os critérios de inclusão na amostra. A amostra ficou então constituída por 225 sujeitos, dos quais 125 são operadores prisionais e 100 pertencem à População Fora do Sistema Prisional (PFSP).

Instrumentos

Os instrumentos administrados foram um questionário socioprofissional elaborado pelos investigadores do projeto FAIR, a RMH22 para avaliar a resiliência e o TIPI para avaliar a personalidade.

RMH 22

A RMH 22, *Resilience Mental Help*, foi elaborada por Margarida Pocinho e Hugo Vaz em 2015 para avaliar a resiliência. Teve uma primeira versão, constituída por 20 itens, testada por 400 estudantes de ensino superior deslocados com um alfa de *Cronbach* de 0,91. Esta versão foi posteriormente revista, após ter sido testada por uma população clínica e alterada para 22 itens ficando com um alfa de *Cronbach* de 0,89 (Vaz & Pocinho, 2016).

Esta escala, foi criada para ser aplicada através de entrevista ou auto-resposta, tendo por isso apenas duas opções de resposta. Tem características psicométricas que ajudam a distinguir a capacidade de resistência às adversidades. Os resultados apesar de apresentarem uma maior

consistência na população clínica, se aplicada através de entrevista, revelam que o modo de aplicação não tem interferência nos dados da população não clínica (Pocinho, Vaz, & Fonseca, 2016).

Inicialmente composta por sete componentes da resiliência: Administração das Emoções (AE), Controle dos Impulsos (CI), Atitudes positivas (AP), Análise do Ambiente (AA), Capacidade de Compreensão (CC), Autoeficácia (AE) e Vinculação (V) e posteriormente reagrupadas em Recursos Externos e Internos (Pocinho et al., 2016).

TIPI

O TIPI, *Ten Item Personality Inventory*, é uma escala criada para avaliar os cinco domínios da personalidade (Big Five): Abertura para a experiência, Conscienciosidade, Amabilidade, Extroversão e o Neuroticismo (estabilidade emocional). Cada um dos dez itens foi avaliado em uma escala de 7 pontos, variando de 1 (discordo totalmente) a 7 (concordo totalmente). As correlações inter-itens relativamente baixas, juntamente com o detalhe da escala ter apenas dois itens resultam em estimativas de consistência interna extraordinariamente baixas (Gosling, Rentfrow, & Swann, 2003).

A versão portuguesa, traduzida por Lima e Castro em 2009 apresenta uma boa estabilidade temporal e uma elevada convergência com os cinco domínios da personalidade (Nunes, Limpo, Lima, & Castro, 2018).

Resultados

Após o enquadramento teórico são agora apresentados os resultados decorrentes da análise estatística dos dados recolhidos.

Na tabela 1 são apresentadas as variáveis sociodemográficas da amostra. Fazem parte do grupo de operadores prisionais 45 mulheres (37,2%) e 76 homens (62,8%) e, no grupo da PFSP estão presentes 51 mulheres (51,0%) e 49 homens (49,0%).

A nível de escolaridade é possível observar que, em ambos os grupos, a mesma varia entre o 2º. CEB e o Doutoramento, sendo que a grande maioria com pelo menos o ensino secundário.

Quanto à área profissional destacam-se no grupo dos operadores prisionais 36 trabalhadores em estabelecimento prisional (30,5%), 19 GNR (16,1%), 13 PSP (13,0%), 13

trabalhadores de tribunal (11,0%) e 12 em regime de voluntariado (10,2%). No grupo da PFSP, sobressaem os 36 PSP (43,4%) e 10 trabalhadores em estabelecimento prisional (12,0%).

Tabela 1. Variáveis Sociodemográficas Relativas aos Operadores Prisionais e à PFSP (N=225)

Características	Operadores Prisionais		PFSP		N		%		
	N	%	N	%	N	%	N	%	
Género	Feminino	45	37,2%	51	51,0%	96	43,6%		
	Masculino	76	62,8%	49	49,0%	125	56,6%		
Educação	2º CEB	4	3,4%	7	7,6%	11	5,20%		
	3º CEB	15	12,7%	22	23,9%	37	17,6%		
	Secundário	50	42,4%	34	37,0%	84	40,0%		
	Bacharelato	21	17,8%	11	12,0%	32	15,2%		
	Mestrado	22	18,6%	17	18,5%	39	18,6%		
	Doutoramento	6	5,1%	1	1,10%	7	3,3%		
Área Profissional	Advocacia	8	6,8%	2	2,4%	10	5,0%		
	Câmara Municipal	1	0,8%	0	0,0%	1	0,5%		
	Cantina	1	0,8%	0	0,0%	1	0,5%		
	Comércio	0	0,0%	1	1,2%	1	0,5%		
	Ensino	1	0,8%	2	2,4%	3	1,5%		
	Estabelecimento Prisional	36	30,5%	10	12,0%	46	22,9%		
	Estudante	0	0,0%	1	1,2%	1	0,5%		
	GNR	19	16,1%	7	8,4%	26	12,9%		
	Hospital	1	0,8%	5	6,0%	6	3,0%		
	IPSS	0	0,0%	5	6,0%	5	2,5%		
	PJ	6	5,1%	3	3,6%	9	4,5%		
	Psicologia	0	0,0%	1	1,2%	1	0,5%		
	PSP	13	11,0%	36	43,4%	49	24,4%		
	Reinserção Social	2	1,7%	3	3,6%	5	2,5%		
	Serviço Social	5	4,2%	0	0,0%	5	2,5%		
	Tribunal	13	11,0%	4	4,8%	17	8,5%		
	Voluntariado	12	10,2%	2	2,4%	14	7,0%		

Relativamente à confiança nos colegas de trabalhos verifica-se, na tabela 2 que, em ambos os grupos, existe muita confiança com 56,5% (70) de operadores prisionais e 57,4% (54) na PFSP. O que também incide nos valores mais privilegiados que uma vez mais mostra que para os dois grupos é semelhante: valor mais referido é a honestidade, 30,4% nos operadores profissionais e 33,0% na PFSP. A diferença surge nos restantes valores, enquanto que 22 operadores profissionais (17,6%) valorizam o respeito, apenas 6 (6,0%) sujeitos da PFSP o faz. E contrariamente, 15 indivíduos do grupo da PFSP (15,0%) enfatizam a amizade e somente 6 (4,8%) dos operadores prisionais o faz.

Tabela 2. Relação entre a confiança nos relacionamentos laborais e valores mais privilegiados

		Operadores Prisionais		PFSP		Total	
		N	%	N	%	N	%
Confiança	Nada	7		5		12	
	Pouco	47		35		82	
	Muito	70		54		124	
Valores	Altruísmo	1		0		9	
	Amizade	6		15		21	
	Assertividade	1		0		1	
	Confiança	17		10		27	
	Educação	2		0		2	
	Empatia	2		0		2	
	Honestidade	38		33		71	
	Humildade	2		8		10	
	Integridade	5		0		5	
	Interajuda	3		4		7	
	Justiça	0		2		2	
	Lealdade	9		15		24	
	Profissionalismo	4		0		4	
	Respeito	22		6		28	
	Simpatia	3		0		3	
	Solidariedade	4		0		4	
	Valores Morais	2		2		4	

Para se poder apurar a amostra foi questionado se tinham ou não trabalhado com reclusos radicalizados e, nos profissionais cuja resposta foi positiva questionou-se o tipo de radicalização. Através da tabela 3 é possível verificar que os profissionais com maior contacto com reclusos radicalizados são os operadores prisionais. De um total de 57(41,6%) profissionais que trabalham com reclusos 53 (43,1%) são operadores prisionais e apenas 4 (28,6%) são da PFSP. Também o trabalho com reclusas é maioritariamente realizado pelos operadores prisionais, 15 (12,2%) de um total de 17 (12,4%) ficando a PFSP com apenas 2 (14,3%). O maior contacto da PFSP é com ambos os géneros, 8 (57,1%) de um universo de 63 (46,0%) ficam ainda muito aquém dos operadores prisionais com um total de 55 (44,7%)

O radicalismo mais presente no contacto com os operadores prisionais é o extremismo de causas singulares com um total de 50 reclusos (46,3%) sendo o mais baixo a extrema-esquerda com apenas 10 (9,3%). Dos restantes reclusos radicais, 27 (24,8%) são de extrema-direita e 37 (33,9%) político-religiosos.

A PFSP também contactou com extremistas embora fora do sistema prisional, sendo na sua maioria casos de extremismo de causas singulares, 8 (100%) de reclusos, e minoritariamente com reclusos de extrema-direita, 1 (12,5%) e extrema-esquerda, 1 (12,5%). Quanto ao radicalismo político-religioso tem apenas 2 (25,0%) reclusos.

Tabela 3: Profissionais que contactaram com diversos tipos de reclusos radicalizados

		Operadores Prisionais		PFSP		Total	
		N	%	N	%	N	%
Gênero	Reclusos	53	43,1%	4	28,6%	57	41,6%
	Reclusas	15	12,2%	2	14,3%	17	12,4%
	Ambos	55	44,7%	8	57,1%	63	46,0%
Extrema Direita	Sim	27	24,8%	1	12,5%	28	23,9%
	Não	82	75,2%	7	87,5%	89	76,1%
Extrema Esquerda	Sim	10	9,3%	1	12,5%	11	9,5%
	Não	98	90,7%	7	87,5%	105	90,5%
Político-religioso	Sim	37	33,9%	2	25,0%	39	33,3%
	Não	72	66,1%	6	75,0%	78	66,7%
Extremismos de causas singulares*	Sim	50	46,3%	8	100%	58	50,0%
	Não	58	53,7%	0	0,0%	58	50,0%
Outros (?)							

**radicalistas ambientais, extremismos homofóbicos, etc.*

Na tabela 4, é possível verificar uma consistência interna fiável relativamente à correlação com a amabilidade (0,60), a conscienciosidade (0,60) e a abertura (0,60).

Quanto aos recursos internos (0,89) e externos (0,88) estes indicam uma alta fiabilidade.

Tabela 4: Consistência interna

		Original	Operadores Prisionais
TIPI-10	Extroversão (1,6*)	0,70	0,50
	Amabilidade (2*,7)	0,40	0,60
	Conscienciosidade (3,8*)	0,50	0,60
	Estabilidade Emocional(9,4*)	0,70	0,50
	Abertura (5, 10*)	0,50	0,60
RMH22	Recursos Internos	0,80	0,89
	Recursos Externos	0,70	0,88
	PFSP	0,80	0,94
	População Clínica	0,90	-
	Online	0,80	-

* Itens invertidos

De acordo com a tabela 5 a resiliência é superior na PFSP, com uma média de 3,02 (DP 0,35) comparativamente aos operadores prisionais que apresentam uma média de 2,93 (DP 0,49).

No caso dos operadores prisionais, os que têm funções policiais apresentam um nível de resiliência inferior com uma média de 2,88 (DP 0,47) quando comparados com os que não têm funções policiais que mostram uma média de 2,98 (DP 0,50).

Verificando com os Recursos Externos existem diferenças estatisticamente significativas nos OP (M 2,92) e a PFSP (3,12) com funções policiais sendo esta última superior.

Na correlação com a conscienciosidade as diferenças estatisticamente significativas são possíveis de verificar nos OP com funções policiais (M 5,81), sem funções policiais (M 5,46) e na PFSP com (M 6,24) e sem funções policiais (M5,68).

Tabela 5: Resiliência dos Operadores Prisionais e PFSP com e sem funções policiais

	Operadores Prisionais		Operadores Prisionais com funções policiais		Operadores Prisionais sem funções policiais		PFSP		PFSP com funções policiais		PFSP sem funções policiais	
	M	DP	M	DP	M	DP	M	DP	M	DP	M	DP
Resiliência	2,93	0,49	2,88	0,47	2,98	0,50	3,02	0,35	3,03	0,37	3,01	0,33
Recursos Internos	2,88	0,53	2,83	0,51	2,93	0,54	2,93	0,39	2,95	0,41	2,92	0,37
Recursos Externos	2,97	0,47	2,92*	0,46	3,01	0,49	3,11	0,35	3,12*	0,37	3,09	0,33
Extroversão	4,54	1,44	4,67	1,38	4,43	1,49	4,75	1,34	4,92	1,16	4,59	1,46
Amabilidade	5,48	1,22	5,78	0,99	5,23	1,37	5,90	0,99	6,08*	0,97	5,74*	0,99
Conscienciosidade	5,62	1,17	5,81*	1,25	5,46*	1,08	5,94	1,12	6,24*	0,9	5,68*	1,24
Estabilidade Emocional	4,44	1,42	4,57	1,35	4,33	1,51	4,53	1,08	4,59	0,95	4,47	1,19
Abertura	5,26	1,17	5,15	1,25	5,36	1,1	5,49	1,05	5,63	1,04	5,38	1,06

*P<0,005 **P<0,01

Existe correlação estatisticamente significativa ($p < 0,05$), possível de verificar na tabela 6, entre a resiliência dos operadores prisionais e o tipo de personalidade em termos de extroversão, amabilidade, conscienciosidade, estabilidade emocional e abertura. No caso da PFSP não existe correlação estatisticamente significativa entre resiliência e amabilidade nem com a abertura.

Em termos mais específicos, nos operadores prisionais a correlação entre a resiliência e a extroversão é muito fraca, com a amabilidade é fraca, com a conscienciosidade é moderada, com a estabilidade emocional é fraca e com a abertura é moderada.

Na PFSP a correlação com a conscienciosidade é muito fraca, com a extroversão e com a estabilidade emocional é fraca e com a amabilidade e a abertura não é significativa.

Quanto aos recursos internos nos OP a correlação com a extroversão é não significativa, a amabilidade e a estabilidade emocional são fracas e a conscienciosidade e a abertura são moderadas. Por outro lado, na PFSP a amabilidade, a conscienciosidade e a abertura são não significativos, a estabilidade emocional é muito fraca e a extroversão é fraca.

Nos recursos externos é possível verificar nos OP uma correlação muito fraca com a extroversão, muito fraca com a amabilidade e a estabilidade emocional e moderada com a conscienciosidade e a abertura. Na PFSP a correlação com a amabilidade é não significativa,

com a conscienciosidade, a estabilidade emocional e a abertura é muito fraca e com a extroversão é fraca.

Em termos globais os operadores prisionais destacam-se da PFSP essencialmente na conscienciosidade e na abertura.

Tabela 6: Correlação entre Resiliência e total da amostra

	Resiliência		Recursos Internos		Recursos Externos	
	OP	PFSP	OP	PFSP	OP	PFSP
Extroversão	0,19 *	0,31 **	NS	0,28 **	0,23 *	0,32 **
Amabilidade	0,28 **	NS	0,25 **	NS	0,30 **	NS
Conscienciosidade	0,42 **	0,20 *	0,40 **	NS	0,41 **	0,24 *
Estabilidade Emocional	0,34 **	0,26 **	0,36 **	0,24 *	0,30 **	0,26 *
Abertura	0,51 **	NS	0,50 **	NS	0,48 **	0,21 *

*P<0,05 **P<0,001 NS= não significativo

Existe correlação estatisticamente significativa ($p<0,05$), perceptível na tabela 7, entre a resiliência dos operadores prisionais com funções policiais e o tipo de personalidade em termos de amabilidade, conscienciosidade e estabilidade emocional. No caso da PFSP não existe correlação estatisticamente significativa entre resiliência e amabilidade, conscienciosidade, estabilidade emocional e abertura. Existe somente correlação com a extroversão.

Nos operadores prisionais sem funções policiais existe correlação da resiliência com a extroversão, a conscienciosidade, a estabilidade e a abertura. Na PFSP existe somente correlação da resiliência com a estabilidade emocional.

Em termos globais os operadores prisionais destacam-se da PFSP seja com ou sem funções policiais sendo que os que têm funções policiais apresentam correlações mais elevadas e todas elas significativas.

A PFSP não apresenta correlações significativas sendo que o único ponto com correlação nos trabalhadores com funções policiais é a extroversão e nos que não têm funções policiais é somente a estabilidade.

Tabela 7: Correlação entre a Resiliência e os Operadores Prisionais com e sem funções policiais

		Resiliência		Recursos Internos		Recursos Externos	
		OP	PFSP	OP	PFSP	OP	PFSP
Com funções policiais	Extroversão	NS	0,50 **	NS	0,40 **	NS	0,57 **
	Amabilidade	0,53 **	NS	0,51 **	NS	0,51 **	NS
	Conscienciosidade	0,52 **	NS	0,51 **	NS	0,49 **	NS
	Estabilidade Emocional	0,35 **	NS	0,40 **	NS	0,27 *	NS
	Abertura	0,42 **	NS	0,46 **	NS	0,35 **	NS
Sem funções policiais	Extroversão	0,28 *	NS	NS	NS	0,32 *	NS
	Amabilidade	NS	NS	NS	NS	NS	NS
	Conscienciosidade	0,34 *	NS	0,31 *	NS	0,35 **	NS
	Estabilidade Emocional	0,36 **	0,31 *	0,35 **	0,30 *	0,34 **	0,29 *
	Abertura	0,60 **	NS	0,55 **	NS	0,63 **	NS

*P<0,05 **P<0,001 NS= não significativo

Por fim é possível verificar quais os aspetos que tanto os operadores prisionais quanto a População Fora do Sistema Prisional consideraram chave em programas de formação quer para profissionais quer para reclusos.

Para o efeito, foi efetuada a análise de conteúdo das opiniões dos respondentes. através da composição de uma nuvem de palavras para representar os resultados. (figuras 1 e 2)

Como apresentado pela nuvem de palavras, o termo formação, independentemente da sua tipologia é o que mais se destaca. Relevam as formações com psicólogos, sobre aspetos legais, de educação, sensibilização e prevenção da radicalização. Não se pode deixar de referenciar o facto de quando são questionados acerca de um programa para os operadores prisionais, sobressair o acompanhamento psicológico enquanto um programa.

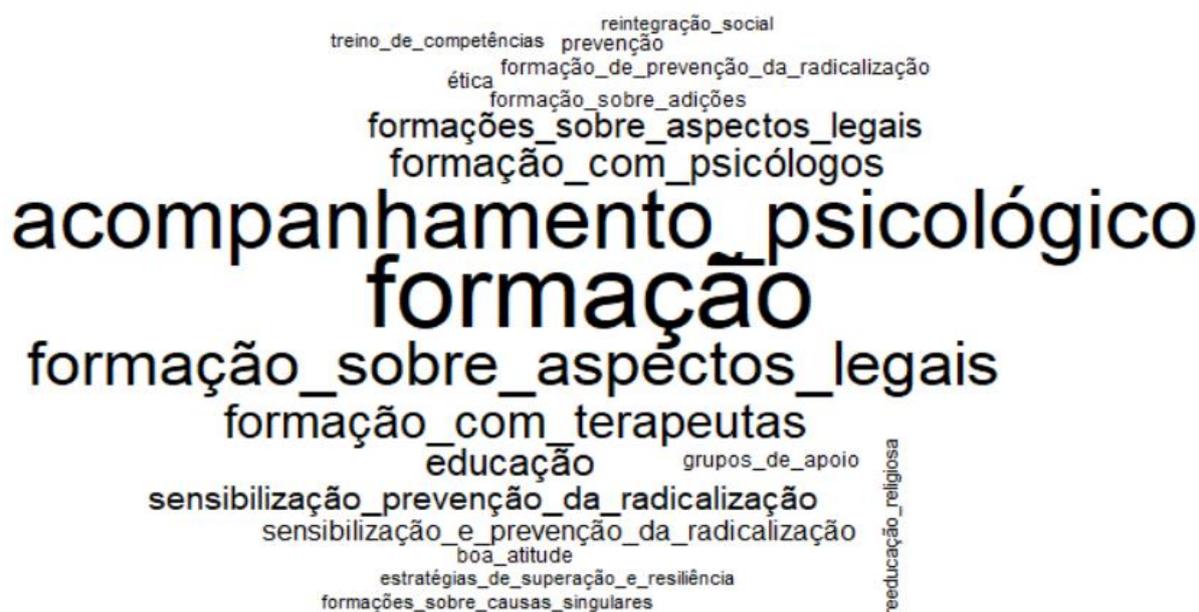


Figura 1: aspetos chave num programa para profissionais sobre radicalização violenta

A figura 2 mostra quais os aspetos que tanto os operadores prisionais quanto a População Fora do Sistema Prisional consideraram chave em programas de formação para reclusos. Como se pode observar a formação por si só é o que se destaca também para este grupo, no entanto programas de reintegração social, de apoio familiar e terapia são os mais referidos como chave no processo.



Figura 2: aspetos chave na formação de reclusos condenados por crimes relacionados com radicalização violenta

Discussão e Conclusão

Ao fazer a análise dos dados é possível verificar que a maioria dos entrevistados são em género masculino e completaram pelo menos o ensino secundário.

Quanto à área profissional destacam-se no grupo dos operadores prisionais 36 trabalhadores em estabelecimento prisional (30,5%), 19 GNR (16,1%), 13 PSP (13,0%), 13 trabalhadores de tribunal (11,0%) e 12 em regime de voluntariado (10,2%). No grupo da PFSP, sobressaem os 36 PSP (43,4%) e 10 trabalhadores em estabelecimento prisional (12,0%).

Relativamente à confiança nos colegas de trabalhos verifica-se que, em ambos os grupos, existe muita confiança com 56,5% (70) de operadores prisionais e 57,4% (54) na PFSP. O que também incide nos valores mais privilegiados que uma vez mais mostra que para os dois grupos é semelhante: valor mais referido é a honestidade, 30,4% nos operadores profissionais e 33,0% na PFSP. A diferença surge nos restantes valores, enquanto que 22 operadores profissionais

(17,6%) valorizam o respeito, apenas 6 (6,0%) sujeitos da PFSP o faz. E contrariamente, 15 indivíduos do grupo da PFSP (15,0%) enfatizam a amizade e somente 6 (4,8%) dos operadores prisionais o faz.

Foi possível verificar que os profissionais com maior contacto com reclusos radicalizados são os operadores prisionais. O radicalismo mais presente no contacto com os operadores prisionais é o extremismo de causas singulares com um total de 50 reclusos (46,3%) sendo o mais baixo a extrema-esquerda com apenas 10 (9,3%). Dos restantes reclusos radicais, 27 (24,8%) são de extrema-direita e 37 (33,9%) político-religiosos. Com efeito a PFSP referiu que nunca trabalhou com crimes relacionados com radicalização violenta. Com efeito, poucos estudos comparam OP com PFSP. O próprio FAIR apenas apresenta resultados ora sobre os reclusos ora sobre os OP. Contudo nenhum dos relatórios apresenta estudos comparativos entre os grupos (FAIR Project: Finland, 2018; FAIR Project: Hungary, 2018; FAIR Project: Italy, 2018; FAIR Project: Lithuania, 2018; FAIR Project: Netherlands, 2018; FAIR Project: Portugal, 2018; FAIR Project: Romania, 2018; FAIR Project: Slovenia, 2018). A resiliência é superior na PFSP, comparativamente aos OP em especial nos que têm funções policiais quando comparados com os que não têm funções policiais. Na literatura psicológica e comportamental, os indivíduos resilientes são os que tem capacidade de suportar a pressão negativa mesmo quando se encontram em circunstâncias muito adversas. Neste contexto Garfinkel (2007) refere que sob este tipo de circunstâncias, o stresse, a crise e o trauma podem desempenhar um papel importante no processo de mudança. Obviamente que para esta transformação acontecer tem de existir apoio e reforço psicológico. Garfinkel (2007) remete para a necessidade de perceber como é que certos operadores e outros indivíduos conseguem chegar ao extremo de resiliência, fazendo com que, contra todas as probabilidades, sobrevivam às forças do extremismo religioso e desenvolvam alternativas excepcionalmente poderosas.

Existe correlação estatisticamente significativa ($p < 0,05$) entre a resiliência dos operadores prisionais e o tipo de personalidade em termos de extroversão, amabilidade, conscienciosidade, estabilidade emocional e abertura. No caso da PFSP não existe correlação estatisticamente significativa entre resiliência e amabilidade nem com a abertura.

Em termos mais específicos, nos operadores prisionais a correlação entre a resiliência e a extroversão é muito fraca, com a amabilidade é fraca, com a conscienciosidade é moderada, com a estabilidade emocional é fraca e com a abertura é moderada. Pesquisas relevantes demonstraram que outros indicadores de resiliência (por exemplo, estabilidade de objetivos) podem ser preditivos em estabilidade emocional e bem-estar entre pessoas. A construção de

personalidade resiliente e controlada, em termos de adaptação às mudanças, pode ser uma estrutura conceptual útil para a intervenção dos psicólogos (Berry, Elliott, & Rivera, 2007)

Em termos globais os operadores prisionais destacam-se da PFSP essencialmente na conscienciosidade e na abertura. Existe correlação estatisticamente significativa ($p < 0,05$) entre a resiliência dos operadores prisionais com funções policiais e o tipo de personalidade em termos de amabilidade, conscienciosidade e estabilidade emocional. No caso da PFSP não existe correlação estatisticamente significativa entre resiliência e amabilidade, conscienciosidade, estabilidade emocional e abertura. Existe somente correlação com a extroversão. Também os estudos de Athota, Budhwar e Malik, (2019) referem que existe relação entre resiliência e a personalidade, em especial com o traço de personalidade da extroversão e amabilidade, contudo nada referem acerca da estabilidade emocional e a abertura.

Nos operadores prisionais sem funções policiais existe correlação da resiliência com a extroversão, a conscienciosidade, a estabilidade e a abertura. Na PFSP existe somente correlação da resiliência com a estabilidade emocional. Em termos globais os operadores prisionais destacam-se da PFSP seja com ou sem funções policiais sendo que os que têm funções policiais apresentam correlações mais elevadas e todas elas significativas.

A PFSP não apresenta correlações significativas sendo que o único ponto com correlação nos trabalhadores com funções policiais é a extroversão e nos que não têm funções policiais é somente a estabilidade.

A questão de se os fatores de personalidade desempenham um papel na transformação dos indivíduos parece controversa. O estudo de Garfinkel (2007) refere que a narrativa de vida e a história pessoal muda, que alguns descrevem uma transformação de crença, perspetiva e entendimento espiritual, contudo questiona-se se as suas personalidades mudaram efetivamente quando se tornaram resilientes. Com base apenas nas entrevistas, não é possível responder a essa pergunta. Os cientistas comportamentais afirmam que certos traços de personalidade são estáveis relacionados e consistentes em termos culturais. Além desse nível básico de personalidade, as pessoas desenvolvem adaptações características da vida que integram sua cultura, motivação, papéis sociais, valores e métodos de enfrentamento. Algumas dessas adaptações podem mudar ao longo da vida. Berry, Elliott e Rivera (2007) verificaram que as pessoas resilientes são relativamente bem ajustadas. Quando os recursos externos são baixos tendem ao descontrolo, mas se os recursos forem bons elas são controladas.

Relativamente aos aspetos que tanto os operadores prisionais quanto a População Fora do Sistema Prisional consideraram chave em programas de formação quer para profissionais

quer para reclusos destacam- se a formação, independentemente da sua tipologia e no caso específico dos programas para profissionais que lidam com a radicalização violenta são os programas de acompanhamento psicológico, as formações com psicólogos, as formações sobre aspetos legais, educativas, de sensibilização e prevenção da radicalização. Quanto aos programas de formação para reclusos, consideraram maioritariamente que os programas para esta população deveriam conter aspetos de reintegração social, de apoio familiar e terapia. Tal como em Portugal, os estudos efetuados na Itália com operadores prisionais demonstram que não existem programas direcionados para esta realidade (FAIR Project: Italy, 2018), no caso da Lituânia a formação que existe é, em termos gerais e não especificamente direcionados para a questão da radicalização, referindo mesmo que apenas 10% das formações tinham apontamentos sobre esta realidade (FAIR Project: Lithuania, 2018). Na Eslovénia os profissionais disseram eu não havia programa de reabilitação para reclusos mas 90% indicaram nunca terem verificado sinais de radicalização (FAIR Project: Slovenia, 2018). Os operadores prisionais na Hungria referem não ter programas mas manifestaram interesse pela existência dos mesmos (FAIR Project: Hungary, 2018). Na Finlândia é possível verificar que mais de 50% dos inquiridos respondem que já teve formação e têm reuniões periódicas em equipa. Somente 30% desconhece a forma de trabalhar, da instituição onde se encontram, quanto à radicalização (FAIR Project: Finland, 2018). Um último estudo verificado foi o da Holanda onde a tipologia do sistema prisional inclui programas para resolução da radicalização e posterior reintegração (FAIR Project: Netherlands, 2018).

É possível então concluir, relativamente à hipótese 1 a

Bibliografia

- Al-Lami, M. (2009). *Studies of Radicalisation: State of the Field Report. Politics and International Relations Working Paper No. 11. London: University of London. Retrieved from. 7316(11).*
- Athota, V. S., Budhwar, P., & Malik, A. (2019). Influence of Personality Traits and Moral Values on Employee Well-Being, Resilience and Performance: A Cross-National Study. *Applied Psychology*. <https://doi.org/10.1111/apps.12198>
- Bartlett, J., Birdwell, J., & King, M. (2010). *The edge of violence*. Londres: Demos.
- Baxter, R., Hastings, N., Law, A., & Glass, E. J. . (2008). Estratégia Antiterrorista da União Europeia. *Animal Genetics*, 39(5), 561–563.

- Berry, J. W., Elliott, T. R., & Rivera, P. (2007). Resilient, undercontrolled, and overcontrolled personality prototypes among persons with spinal cord injury. *Journal of Personality Assessment*, 89(3), 292–302. <https://doi.org/10.1080/00223890701629813>
- Costa, M. (2007). *A RESILIÊNCIA*. Retrieved from www.psicologia.pt
- FAIR Project: Finland. (2018). Finland Report. In *Report on the analysis of the needs of detention centre staff to prevent and/or deal with radicalization* (p. 8).
- FAIR Project: Hungary. (2018). Hungary Report. In *Report on the analysis of the needs of detention centre staff to prevent and/or deal with radicalization* (p. 6).
- FAIR Project: Italy. (2018). Italy Report. In *Report on the analysis of the needs of detention centre staff to prevent and/or deal with radicalization* (p. 6).
- FAIR Project: Lithuania. (2018). Lithuania Report. In *Report on the analysis of the needs of detention centre staff to prevent and/or deal with radicalization* (p. 6).
- FAIR Project: Netherlands. (2018). Netherlands Report. In *Report on the analysis of the needs of detention centre staff to prevent and/or deal with radicalization* (p. 6).
- FAIR Project: Portugal. (2018). Portugal Report. In *Report on the analysis of the needs of detention centre staff to prevent and/or deal with radicalization* (p. 6).
- FAIR Project: Romania. (2018). Romania Report. In *Report on the analysis of the needs of detention centre staff to prevent and/or deal with radicalization* (p. 6).
- FAIR Project: Slovenia. (2018). Slovenia Report. In *Report on the analysis of the needs of detention centre staff to prevent and/or deal with radicalization* (p. 6).
- Ferreira, S. M., & Machado, J. P. (2018). *Radicalização e prevenção da radicalização: contributos para uma (imprescindível) clarificação conceptual*.
- Garfinkel, R. (2007). *Personal Transformations: Moving from Violence to Peace*. 1–16.
- Gonçalves, F. J. (2014). O Combate à Radicalização no Extremismo Islâmico: a Contraradicalização e a Desradicalização. *IDN - Revista Nação e Defesa*, 217–237.
- Gosling, S. D., Rentfrow, P. J., & Swann, W. B. (2003). A very brief measure of the Big-Five personality domains. *Journal of Research in Personality*, 37(6), 504–528. [https://doi.org/10.1016/S0092-6566\(03\)00046-1](https://doi.org/10.1016/S0092-6566(03)00046-1)
- Kruglanski, A. W., & Gunaratna, J. J. B. R. (2019). *The Three Pillars of Radicalization: Needs, Narratives, and Networks*. Oxford University Press.
- McCrae, R., & Costa, P. (1987). Validation of the Five-Factor Model of Personality Across Instruments and Observers. *Journal of Personality and Social Psychology*, 52(1), 81–90. <https://doi.org/10.1037/0022-3514.52.1.81>

- McCrae, R., & Costa, P. (1997). Personality trait structures as a human universal. *American Psychologist*, 52(5), 509–516. <https://doi.org/10.1002/0471142735.im1803s100>
- McCrae, R., & Sutin, A. (2009). Openness to experience. In M. Leary & R. Hoyle (Eds.), *Handbook of Individual Differences in Social Behavior* (pp. 257–273). Guilford Publications.
- Neumann, P. (2013). The trouble with radicalization. *International Affairs*, 89(4), 873–893. <https://doi.org/10.1111/1468-2346.12049>
- Nunes, A., Limpo, T., Lima, C. F., & Castro, S. L. (2018). Short Scales for the Assessment of Personality Traits: Development and Validation of the Portuguese Ten-Item Personality Inventory (TIPI). *Frontiers in Psychology*, 9. <https://doi.org/10.3389/fpsyg.2018.00461>
- Nunes, C., Hutz, C., & Nunes, M. (2015). *Manual da Bateria Fatorial de Personalidade - Manual Técnico*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Oliveira, M. A. de, Reis, V. L. dos, Zanelato, L. S., & Neme, C. M. B. (2008). Resiliência: análise das publicações no período de 2000 a 2006. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 28(4), 754–767. <https://doi.org/10.1590/s1414-98932008000400008>
- Pocinho, M., Vaz, H., & Fonseca, G. (2016). Resilience Mental Help (RMH22): estudos preliminares das suas características psicométricas Resiliência. *Jornadas de Psiquiatria e Saúde Mental*, (Maio), 19 e 20. <https://doi.org/10.13140/RG.2.1.3272.0247>
- Raad, B., & Perugini, M. (2002). Big Five factor assessment: Introduction. In *Big Five assessment* (pp. 1–27).
- Rabasa, A., Pettyjohn, S., Ghez, J., & Boucek, C. (2010). *Deradicalizing islamist extremists*. Retrieved from www.rand.org
- Ranstorp, M. (2010). *Understanding Violent Radicalisation*. <https://doi.org/10.4324/9780203865743>
- Ribeiro, A., Mattos, B., Antonelli, C., Canêo, L., & Júnior, E. (2011). Resiliência no trabalho contemporâneo: promoção e/ou desgaste da saúde mental. In *Psicologia em Estudo* (Vol. 16). Retrieved from <http://www.scielo.br/pdf/pe/v16n4/a13v16n4>
- Said, H. El. (2015). *New Approaches to Countering Terrorism: Designing and Evaluating Counter Radicalization and De-Radicalization Programs*. 227–228.
- Schultz, D., & Schultz, S. (2015). *Teorias da Personalidade: tradução da 10ª edição norte-americana*. São Paulo: Cengage Learning.
- Vaz, H., & Pocinho, M. (2016). Resilience Mental Help (RMH 22): Análise confirmatória Resiliência Itens da escala. *3.º Congresso Nacional Conversas de Psicologia*,

(November), 2–3. <https://doi.org/10.13140/RG.2.2.15698.76482>

Widiger, T. (2009). Neuroticism. In M. Leary & R. Hoyle (Eds.), *Handbook of Individual Differences in Social Behavior* (pp. 129–148). New York: Guilford Publications.

Wilt, J., & Revelle, W. (2009). Extraversion. In M. Leary & R. Hoyle (Eds.), *Handbook of individual differences in social behavior* (pp. 27–45). New York: Guilford Publications.